

O escudo de Aquiles na *Ilíada*.

A écfrase do escudo de Aquiles presente na *Ilíada* coloca-nos perante várias situações da vida na Grécia, passando por momentos de justiça ou conflito, cultivo ou ócio, assim como vinha ou pastorícia que, no fundo, conseguem ser quase tão distantes da imagem que foi sendo construída de Aquiles como a própria *Ilíada* é distante dos dez anos da Guerra de Tróia, apesar de ser muitas vezes olhada como uma epopeia descriptiva dessa mesma guerra – culpa da intensidade do período de cerca de 50 dias narrados por Homero, já na parte final do conflito.

Tal como ao longo da *Ilíada* vamos tendo direito a algumas passagens que nos resumem o caminho e as razões de ser da guerra e das personagens, também no escudo de Aquiles encontramos um conjunto de passagens que provavelmente visam resumir a vida na Grécia, polvilhada sobretudo com situações que normalmente não associaríamos a Aquiles de tão pacíficas ou corriqueiras que são. Ora, ter imagens do dia-a-dia espalhadas no escudo que lhe salvará a vida [XXII – 289/291] parece algo bem distante de Aquiles. Basta recordar que foi o próprio filho de Tétis que, dado a escolher, preferiu ir a Tróia para gozar de grande fama, trocando tal feito por uma vida curta, quando em alternativa podia ter escolhido permanecer no seu país, longe da guerra, onde teria direito a uma vida longa mas sem glória. Ora ter cenas corriqueiras do dia-a-dia no escudo é assim no mínimo irónico e de difícil aceitação em relação à personagem em questão. Olhando à distância de vários séculos, é difícil não antecipar nesse mesmo escudo uma ampla evocação de feitos ou vitórias, tal como sucederá com Eneias.

Então porquê a diferença? Para responder é preciso recordar que o papel de Aquiles em quase toda a *Ilíada* é também ele um contraste com a lenda que foi construída à sua volta. Na maior parte da obra o guerreiro está bem longe de ser o temerário, invencível e indestrutível Aquiles, dedicando-se antes a reflexões sobre a inutilidade do heroísmo e da glória e a um braço-de-ferro com Agamémnon de tal forma perturbador do esforço de guerra que empurra o tema da *Ilíada* não para os dias finais da Guerra de Tróia, mas antes para a cólera e amuo de Aquiles que, por acaso, ocorrem na parte final da guerra - depois do líder dos Aqueus ter exigido ao líder dos mirmídones a entrega de Briseida para substituir Criseide que, raptada por Agamémnon, trouxe a peste aos gregos pois era filha de Crises, sacerdote de Apolo, tendo por isso que ser devolvida.

Nesta perspectiva começa a ser menos estranho que o escudo seja um enorme contraste com o Aquiles mítico, já que talvez o contraste não seja tão grande em relação ao Aquiles que encontramos na *Ilíada*. A este Aquiles a vida longa mas sem fama no seu país (ao lado de Briseida?) talvez já não pareça algo tão menos apetecível que a glória – isto apesar de o amuo de Aquiles se dever mais ao desejo de querer mostrar-se superior ao rei dos Aqueus. Ironicamente, ou talvez não, o ciclo do amuo de Aquiles só terminará com outra perda pessoal e íntima, a morte de Pátroclo, que o leva a pegar nas armas não pela glória mas antes pela

vingança nua e crua – a falta de respeito pelo corpo de Heitor e as violações ao mesmo, perfurando-lhe os calcanhares para o arrastar dias a fio à volta de Tróia, não são típicas de um herói que respeita o adversário caído mas antes de alguém completamente cego pela dor [ou de “*espírito tresloucado*”, *XXIV - 135*], dor essa que só o amor maternal acalma.

O contraste entre o escudo e a personagem de Aquiles, quando olhado à luz do escudo de Eneias construído por Vergílio, pode também ser visto como um paralelismo entre estes dois mundos clássicos – Grécia e Roma –, onde o primeiro é bem menos dado à exaltação dos feitos de guerra que o segundo, o que também leva a que a *Ilíada* se centre mais no mundo interior e dos conflitos que surgem deste, do que no mundo exterior e nas estratégias, movimentações ou missões que terão ocorrido na guerra. Aliás, veja-se que numa epopeia sobre os dias finais de um conflito de dez anos ficamos sem saber de forma clara quem ganhou, porquê ou como.

A cronologia: no escudo e da narração.

“*É por isso que estou perante os teus joelhos, na esperança de que queiras dar a meu filho de rápido destino um escudo, um elmo, belas cnémides bem ajustadas aos tornozelos e uma couraça. Pois a armadura que outrora foi dele, perdeu-a o fiel amigo, subjugado pelos Troianos*” [XVIII, 457 – 461]. É desta forma que Tétis pede a Hefesto, Deus do Fogo, que prepare um novo conjunto de armas para o seu filho, Aquiles. No fim da descrição do escudo surge-nos Oceano, irmão e marido de Tétis. O pai de todos os rios tem lugar destacado no fim da descrição, servindo assim para reforçar o carácter divino da peça – “*Colocou ainda a grande força do rio Oceano, à volta do último rebordo do escudo bem forjado*” [XVIII, 607/608] – assim como a sua excepcional categoria.

A encomenda de Tétis a Hefesto surge porque durante o amuo de Aquiles, Pátroclo pede-lhe que o deixe ir em socorro dos gregos, cujas naus vão ser queimadas. Aquiles consente e empresta-lhe a armadura. Porém, Pátroclo acaba por morrer pelo golpe de Heitor. A dor de Aquiles chama a atenção de Tétis, que lhe promete uma armadura nova em troca da que Heitor recolheu de Pátroclo – a dor de Aquiles face à perda de Pátroclo será especialmente intensa por sentir-se parcialmente responsável pela sua morte, ao aceitar que avançasse para a batalha.

Em relação aos vários pormenores presentes no escudo, encontramos no seu material bronze, estanho, ouro e prata e um triplo rebordo sobre as cinco camadas que consolidavam a obra de Hefesto. Cabe ao próprio Deus cinzelar as cenas que se seguem na principal peça de protecção do guerreiro: Como não poderia deixar de ser, a imagem prioritária é a terra, o mar e o céu e as suas diversas constelações então conhecidas – quando referimos “então conhecidas” falamos de dois tempos da epopeia, a narração e registo, detalhe que já abordaremos adiante. Seguem-se duas cidades a viver situações opostas, uma em plena festa de casamento, outra num estado de guerra quase total em que todos são chamados a participar no esforço de defesa das muralhas.

Na cidade onde decorre o casamento, festeja-se também a Justiça (e a Igualdade) com o povo reunido a debater e a defender entusiasticamente um julgamento em curso. Já na cidade em guerra, e apesar de dois exércitos a cercarem, os seus homens saem para fazer uma emboscada a dois pastores – e para tal vão reforçados com Ares e Palas Atena, deuses guerreiros. Aparentemente, os dois exércitos ouvem a emboscada, deslocam-se até ao local da mesma e entregam-se à batalha uns contra os outros – “*Mas os sitiadores ouviram a grande confusão dos bois (...) e logo montaram nos seus cavalos (...) e chegaram depressa. Posicionando-se, combateram junto das correntes do rio, e arremeteram uns contra os outros com lanças de bronze*” (530 - 534). O desfecho desta batalha fica depois entregue à Discórdia, Tumulto e Destino Fatal não mais se conhecendo o destino de sitiados ou sitiadores, talvez reflexo da pouca lógica de muitas guerras e mesmo da participação dos deuses nas mesmas.

Seguem-se depois várias cenas associáveis sobretudo à comida e à bebida, com uma sequência lógica a nível da agricultura – primeiro fala-se da terra já depois de arada, segue-se o cultivo e a colheita e por fim do acto de refeição. Segue-se a bebida e a “*vinha bem carregada de uvas*”, numa espécie de cronologia que termina com a pastorícia, ao fim da qual chega a música, um baile e a dança. Falamos em cronologia porque a intenção do relato – talvez simplesmente para ser mais fácil de fixar – segue um encadeamento lógico: primeiro a terra arada, depois o resultado do cultivo e, de seguida, a refeição. A bebida, que acompanha a comida, e os animais, nem sempre para todos os bolsos, seguem-se, como que completando a refeição. No final da comida, surge o baile, ou seja, a festa que é o corolário de uma grande refeição.

Tendo fugido à análise pormenorizada de todos os detalhes que compõem o escudo, como forma de evitar a repetição do que foi avançado na aula e assim procurar uma nova forma de olhar para o escudo de Aquiles, terminamos a análise salientando a questão do tempo. O anacronismo da *Iliada* já está devidamente estudado, sendo a própria técnica de fabricação do escudo uma das maiores provas disso: a história passa-se na idade do Bronze e as técnicas referidas na obra são já da época do Ferro. Este anacronismo deve ser tido em atenção quando, tal como fizemos logo nas primeiras linhas deste trabalho, pensamos no escudo como a descrição de várias situações do dia-a-dia grego: Serão seguramente essas situações que o poeta nos dá conta mas é difícil assegurar que estamos perante cenas que se viviam na época da guerra de Tróia. A complexidade descritiva do escudo e o nível de detalhe do mesmo, assim como o arranque da écfrase incorporar logo um enorme anacronismo, levam-nos a crer que, tal como na incineração de Pátroclo, as diversas descrições do escudo incluam sobretudo cenas que se viviam pelo menos mais de 200 anos depois de Tróia ou mesmo já depois do Séc. VIII a.C. – note-se a este propósito a referência a “*Histor*” (XVIII, 501) incluída na descrição do escudo, referindo-se a alguém que vai decidir/investigar os argumentos apresentados, sentido que esta palavra só começa a conhecer a partir do Séc. VIII/VII a. C..

Bibliografia

HOMERO, “*Ilíada*”, tradução de Frederico Lourenço, Livros Cotovia, 4^a Edição, Lisboa, Junho 2010

GRIMAL, Pierre, “*Dicionário da Mitologia Grega e Romana*”, 3^a Edição, coordenador da edição portuguesa, Victor Jabouille, Algés, Difel 82, Maio 1999

FUTRE PINHEIRO, Marília P, “*Mitos e Lendas - Grécia Antiga, Volume I*”, 1^a Edição, Lisboa, Centralivros, Outubro de 2007